

Dois portugueses



DOIS rapazes.
Um deles nasceu em Portugal.
O outro também nasceu em Portugal.
[Dois portugueses. Mais: dois portugue-
ses inteligentes.

Um dia um deles lembrou-se de fazer uma

Gostavam, quando era bom. Não gostavam, quando era mau. E não tinham vergonha de o dizer.

Também não tinham vergonha de serem portugueses. Orgulhavam-se, até.

Um dia um deles lembrou-se de fazer uma fita.

Podiu ao outro uma câmara emprestada. — uma "Kinamo, de amador.

Experimentaram. Foram a uma festa, e deram à manivela.

Curiosos — eles próprios revelaram e projectaram a sua obra.

Gostaram. A família não se riu.

E lembraram-se de fazer mais fitas. Talvez os outros golassem e se não rissem também...

Alugaram um barracão, improvisaram tanques, construíram por suas mãos uma postivadoea.

Foram à Avenida, onde afrontaram a cinefobia policial e a paspalhice impertinente das turbas.

Foram aqui, foram ali, foram acolá.

Filmavam.

Fizeram fitas boas e más. As boas não os entusiasmavam e as más incutiam-lhes a vontade de produzir melhor.

Tiveram sempre a preocupação de não querer apresentar senão obras bem feitas, que os não envergonhassem.

Conseguiram. Como? Começando pelo princípio.

Primeiro, a natureza. Depois a imaginação.

As firmas distribuidoras viam as suas fitas, gostavam e compravam.

A' noite, o público, quando chegava a al-

tura do documentário português que a lei obriga, punha os chapéus, vestia os sobretudos, levantava as golas e saía.

Eles não desanimavam: filmavam, trabalhavam sempre.

Os distribuidores, obrigados pela lei, continuavam a comprar.

O público, como nenhuma lei o obrigava a ficar, continuava a sair com antecedência. E, se a fita corria no começo do programa, só vinha mais tarde...

Certa semana, alguém se lembrou de a programar no meio da sessão.

E o público, surpreendido, ficou e viu.

Era uma fita de Vila Viçosa. A fotografia tinha o mesmo viço da Vila; marcava como a côrte marcou, nos velho tempos.

Os dois cineastas portugueses triunfavam!

O Público passou a ver com atenção as suas obras e a conhecê-las.

"Vila Viçosa," "Alpiarça," "Uma ferra em Muge," entre outras, ficaram na memória de todos.

Êstes dois portugueses têm dois nomes — um para cada um:

Aníbal Contreiras.

Cesar de Sá.

Ambos têm trabalho e ambições.

Ocupadíssimos até ao fim do ano, tencionam, depois, matricular-se nas escolas da U. F. A.

Vão aprender para poderem ensinar.

Ambos estudam e esperam.

Agora, procuram a maneira prática de conseguir fixar na película a terceira dimensão — o cinema em relêvo.

Conseguí-lo-hão.

Coragem!

Marcus Loew, Jesse Lasky, William Fox, Carl Laemmle, Samwrl Goldwin, começaram muito pior.

E são dois **portugueses!**

Antero Elisio

- 99 — E' um pequenino regato, débil, quasi um fio de água. — Que importa!
- 100 — O Homem mergulha as mãos no pequeno ribeiro. A água fresca revela-lhe a sua angústia — e sente a ausência da sua terra.
Fusão encadeada.
- 101 — O regato alarga em sua imaginação. E' o "seu" rio, o rio da sua aldeia fresca, o rio a quebrar-se em cascatas, onde êle se banhava...
Fusão encadeada (mesmo plano).
- 102 — Onde, a essa hora, outros rapazes devem banhar-se também, alegremente, festivamente, nús, entre as árvores, nas águas verdes...
Fusão encadeada.
- 103 — Mas a realidade volta. E as suas mãos mal se cobrem no leito do riacho.
- 104 — Leva-as ao rosto. Molha as fontes. E, debruçando-se, bebe a água que a terra agora já lhe pode dar, às escondidas do sol...
- 105 — A brisa chega com o entardecer, quasi suavemente.
- 106 — E o Homem regressa. Já não sofre a hostilidade sufocante da charneca.
- 107 — Vem calmo.
- 108 — Descobre a sua cabana ao longe.
- 109 — Uma árvore agita-se brandamente, ao vento...
- 110 — A mulher, à porta da cabana, espera-o.
- 111 — Avista-o...
- 112 — Ele avista-a também...
- 113 — O Homem caminha um pouco mais depressa.
- 114 — Ela vai até à esquina da cabana para o ver bem de frente. Sorri.
- 115 — Êle chega. Ao lado da mulher há uns troncos secos, para lenha, onde êle se senta. Sorri.
- 116 — O Homem passa-lhe a mão pela cintura, e senta-a sobre uma das suas pernas. Sorriem ainda...
- 117 — Sorriem sempre...
- 118 — A árvore agita-se brandamente, ao vento...
- 119 — E, perdido o domínio do sol, a quietação chega, na ternura discreta do crepúsculo... (*Fusão. Um longe socegado.*)